

JESUS

- Redenção -

Augusto Pires da Mota



Tecto de Novens

Prefácio

Jesus Cristo foi enviado pelo Pai, com a missão de libertar e reconduzir a humanidade pecadora ao estado de graça e santidade, em que fora criada.

O projeto divino foi anunciado, após o pecado das nossas origens.

— «Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela, ela esmagar-te-á a cabeça...»

«Uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho, que se chamará Emanuel, Deus connosco.».

“Jesus” o nome que o anjo sugeriu a Maria, significa “Javé Salva”.

Este projecto redentor começou no Éden e teve o seu epílogo na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, como vimos na primeira parte desta exposição ¹ e vai-se realizando, no quotidiano cinzento de todos os dias, até ao encontro final e decisivo com Deus, após a nossa morte.

¹ Livro “Jesus - Paixão e morte de Jesus Cristo - ”, Tecto de Nuvens, 2019

Duas cruzes

Com muito amor, Deus plasma o homem no limo da terra, animando-o com uma alma imortal.

Este ser, arrancado ao nada, é um microcosmos, resumo de todas as maravilhas criadas numa sincronia harmoniosa e equilíbrio estupendo de espírito e matéria. Acima dele só há espírito, abaixo dele só encontra matéria. Ele só, colocado entre os dois mundos, os compendia e resume, a matéria com as suas forças e o espírito com os seus esplendores.

Nele, confluem todos os seres, brilham todas as luzes, cruzam todos os ventos, marulham todas as águas, ouvem-se todas as vozes da terra e do céu, do finito, e infinito, do transitório, do histórico e do eterno.

Ele era o intérprete consciente do louvor inconsciente das próprias criaturas, era o sacerdote e o rei, intermediário entre o céu e a terra.

Em convívio com Deus e com as criaturas, o homem era feliz, nada lhe faltava, no plano natural e no sobrenatural. Vivia no Éden, paraíso terreal, na posse do que era bom e belo.

Além disso, fora cumulado de dons, pensado e criado, à imagem e semelhança de Deus, num estado de justiça original, em corpo, alma e graça santificante. Era como os anjos, mas o pecado das nossas origens trancou a trajetória desse plano de Deus, segundo o qual estávamos predestinados à filiação divina; bloqueia a corrente, da vida entre o Criador e a criatura; fratura o convívio que existia entre Deus e o homem.

O homem perdeu o direito à herança, que lhe fora destinada e à vida divina, em que fora criado.

Adão recebeu, para si e para a sua descendência, a graça da filiação divina; ele era o filho predileto de Deus, que o visitava, ao cair da tarde e, com ele convivia, mas, pela sua desobediência, perdeu, para si e descendentes, o dom divino, que faria de nós filhos de Deus.

Com a desobediência do primeiro par humano, aparece, no mundo uma cruz simbólica, de pecado, a primeira cruz da humanidade.

A semente pecaminosa é lançada no coração humano por Satanás, alentada pelo orgulho, nasce com a primeira culpa, multiplica-se em fibras, na tarde do primeiro crime, Caim mata Abel, o orgulho sufoca a humildade, a avareza o desprendimento, o ódio a bondade e os gritos

Redenção

Era necessário regressar às origens, pois o ser humano só será completo, de harmonia com o projeto do Oleiro Divino, que o plasmou no limo da terra e o criou em corpo, alma e graça santificante.

Ninguém, por si mesmo, podia restaurar a obra destruída ou dar uma satisfação adequada, pois «o pecado é uma ofensa tão grande que o universo, reduzido a pó, seria um holocausto inútil», dizia Bossuet.

A gravidade de uma ofensa mede-se pela dignidade da pessoa ofendida e Deus é um ser infinito, imenso, incomensurável, transcendente, inefável.

O pecado das nossas origens tem repercussões de infinito, relativamente a Deus, a quem o homem desobedecera e ofendeu.

Antes da criação do mundo, Deus predestinou-nos, em Jesus Cristo, para sermos filhos adotivos, Ef. 1, 4.

S. Paulo foi escolhido para revelar o plano divino a nosso respeito.

A economia dos desígnios de Deus foi uma das maiores preocupações de S. Paulo, Ef. III 8-9, prevenindo os primeiros cristãos sobre a importância do plano traçado pela sabedoria divina, que nos orienta no sentido de encontrarmos o caminho, que leva à santidade, Col. II, 8.

O projeto divino é anterior, mas começou a realizar-se, desde o princípio da criação.

O Verbo Encarnou, João 1, 14: O homem – Deus, será o mediador, que nos reconciliará com Deus reconduzindo-nos ao estado original de graça, em que fomos criados.

O projeto divino é constituir a Jesus Cristo em cabeça ou chefe dos resgatados a fim de que, por Ele, cheguemos à união com Deus, num plano sobrenatural de santidade.

«É em Cristo que Deus nos elegeu, para sermos santos; predestinou-nos para sermos seus filhos adotivos, por Jesus Cristo... Somos agradáveis a seus olhos, em seu Filho muito amado. Deus resolveu restaurar tudo em seu Filho Jesus», diz S. Paulo aos Efésios.

Jesus, Verbo Encarnado, Filho de Deus, substituiu-nos como vítima pura, sem mancha ou defeito, para pagar a nossa dívida. Na verdade, recupera, para nós, a vida divina, perdida com o pecado das nossas

Mistério de vida e santidade

A salvação não é uma simples reconciliação com Deus, após o pecado das nossas origens.

A Salvação implica uma transformação interna profunda, pois passamos a ser filhos de Deus, pela graça santificante, através da qual, participamos na própria vida íntima e profunda de Deus uno e trino.

Trata-se de um novo nascimento, nascer de novo, como disse o Senhor a Nicodemos.

O pecado mortal mata, extingue a vida divina na alma e rompe a união com Deus. Deus quer dar-se a si mesmo, unir-se a umas pobres criaturas, como nós.

Esta união é realizada pela fé e pela graça, dom sobrenatural atribuído a ação do Espírito Santo.

A graça santificante faz de nós filhos de Deus, porque participamos a vida divina, que circula no seio da Família Trinitária.

Portanto, é uma graça análoga à de Cristo, Verbo Encarnado.

Deus é amor e o amor tende a unir-se à pessoa amada, que somos todos nós. O amor de Deus é tão grande que nos deu o seu próprio Filho e o amor de Cristo é tão real e significativo, que se entregou, na totalidade do seu ser até à morte na cruz, como um criminoso, um maldito. Dar a vida é maior prova de amor, João III, 16.

Cristo veio para isto mesmo, para se entregar por nós, na cruz, a fim de que tenhamos vida, com abundância e, para tanto, pede aos seus discípulos que permaneçam n'Ele, como Ele permanece em nós.

Nada pode impedir, da parte de Cristo, esta união, nem a pobreza do presépio, nem as fadigas da sua vida oculta e pública, nem a ignomínia do Calvário. Pelo contrário, estas realidades cruéis são a maior prova do amor, que une o Criador às criaturas.

Para consolidar esta união, Cristo instituiu os sacramentos, a Igreja e dá-nos o seu Espírito.

Todas estas solicitações divinas não podem deixar ninguém na indiferença, aliás, a união ao bem supremo é a tendência natural do ser humano.

O pecado é o único obstáculo a esta união, pois, em si mesmo, consiste no afastamento de Deus, pela conversão às criaturas, que, no

Filhos de Deus

A Salvação não consiste só no sacrifício redentor de Cristo na cruz. A Salvação é uma vida que aconteceu, em primeiro lugar e plenamente, em Jesus Cristo e da qual podemos participar pelo dom sobrenatural da graça santificante.

Esta vida é amor. Jesus amou, porque era Filho e quer que todos nós, pela Graça da Redenção, pela fé e pelo amor também sejamos filhos de Deus. Ele é o Filho, por natureza, nós pela graça, que nos é comunicada, dom sobrenatural, que nos eleva até à participação da vida de Deus, de tal forma que não só nos chamamos, mas somos, na realidade, filhos de Deus, transformação profunda no ser e no operar.

Deus enviou o Seu Filho, que assumiu a nossa humanidade. Neste homem, Cristo Jesus de Nazaré, passamos a viver uma experiência filial. Nesta experiência, encontra-se a essência da salvação.

O Filho de Deus não foi enviado exclusivamente para nos libertar do pecado, mas para que vivamos por Ele. Esta vida nova é a participação no seu ser de Filho.

Ser filho de Deus é uma realidade tão profunda e misteriosa que só, a partir de Cristo, podemos obter alguma compreensão. «Somos filhos no Filho», diz o Concílio.

Trata-se de uma transformação real e profunda do homem, a ponto de sermos chamados a formar uma imensa fraternidade de todos os filhos de Deus, a família dos filhos de Deus.

É uma transformação vital da nossa consciência íntima. É a palavra de Deus proposta à nossa fé, como membros de uma comunidade crente, que é a Igreja.

O cristianismo é uma religião existencial e histórica, isto é, pressupõe a mediação do Homem Cristo Jesus, Deus e homem.

A salvação implica a intervenção de Deus Pai e de Jesus Cristo mediador da mesma salvação; a graça que nos salva é existencial. A fé é o começo desta vida.

O princípio vital do qual procede esta vida cristã de fé, esperança e caridade, isto é; o cristianismo em cada um de nós e nos faz filhos de Deus é a graça da Redenção de Cristo.

Salvação comunitária e individual

Não nos salvamos sozinhos, individualmente, como se pensou, pensa, e com razão, pois cada homem, na sua existência pessoal é salvo e elevado à dignidade de filho, pelo próprio Deus. A dimensão pessoal é fundamental para a salvação, mas não é a única.

O homem não é uma ilha, é uma pessoa referida aos outros homens, somos solidários até ao nível da natureza. Somos seres eminentemente sociais, precisamos uns dos outros, para sobreviver, damos e recebemos vida, como é próprio das células deste grande corpo social, onde estamos inseridos como membros.

De igual forma, no plano salvador de Deus, a dimensão individual ou pessoal da salvação está articulada com a dimensão comunitária da mesma salvação.

Deus quer salvar toda a humanidade. Nós não nos salvamos só como pessoas ou como indivíduos, mas como comunidade, na qual estamos inseridos.

A dimensão comunitária da salvação, no Novo Testamento, encontra-se ao mesmo nível da salvação individual.

A Salvação, que Jesus anuncia, propõe-se em termos de uma realidade coletiva: o anúncio do Reino de Deus.

Porque o povo de Israel esperava o Reino de Deus, Jesus Cristo apresenta-se com esta mensagem: «Já chegou o Reino de Deus.»

O que interessa, para já, é a característica coletiva ou comunitária da Salvação, sem excluir a salvação individual. O anúncio do Reino de Deus traz para o primeiro plano, a salvação comunitária.

«O Reino, que já está no meio de vós», tem uma estrutura social ou comunitária, a Igreja, comunidade na sua essência, desde os pés à cabeça. A Igreja é o novo povo de Deus e cada homem, que a integra, está unido a ela através da sua vida interior. O Reino de Deus é vida e uma realidade deste mundo, embora a sua plenitude esteja relegada, para a escatologia ou fim dos tempos. Só então se consumará a vida desse Reino.

O Reino de Cristo não é deste mundo (João 18, 35). Jesus entregará o Reino a seu Pai, no fim dos tempos (1 Coríntios, 15, 24).

Redenção universal

A salvação que procede do Homem, Cristo Jesus, é para toda a humanidade, é solidária com todos. Toda a humanidade encontra-se no plano salvador de Deus.

Todos formamos o Cristo total. Somos membros de um corpo misterioso, do qual Cristo é a cabeça. Estamos ligados à cabeça através dos outros membros. O que de bem ou mal acontece a um membro repercute-se nos outros.

É a chamada reversibilidade de que fala Léon Bloy: Se dou de mau humor um tostão a um pobre, a moeda fura a mão do faminto e repercute-se em todo o universo, ressentem-se os anjos e os homens, a terra, o mar e o mundo.

O desprezo ou ofensa a qualquer dos nossos irmãos perturba a união a Cristo, que nos adverte:

«Se te lembrares, no momento de fazeres a oferta, no altar, de que o teu irmão tem qualquer ressentimento contra ti, deixa a oferenda junto do altar e vai, primeiro, reconciliar-te com ele, depois vem fazer a oblação (Mateus V, 23-24). Não podemos comungar, estar unidos a Cristo, de costas voltadas para os nossos irmãos. Quando excluimos um irmão do nosso amor, estamos na mentira, porque não comungamos o Cristo total. Ao comungarmos, recebemos o corpo e o sangue de Cristo e todos nós formamos o Corpo Místico do Senhor. Comungamos Cristo, pela comunhão aos nossos irmãos.

Por isso, S. Paulo recomenda aos cristãos que não haja entre eles mentira, cismas, sejam pessoas dum mesmo sentimento e dum mesmo parecer.

«Homens dum só carácter e dum só parecer antes quebrar que torcer», Sá de Miranda

O apóstolo esclarece: somos um só corpo com muitos membros e assim é Jesus Cristo. «Fomos batizados, no mesmo Espírito. Judeus ou Gregos, livres ou escravos somos o corpo de Cristo membros uns dos outros.» (I Cor. 12-14 e 27).

Cristo é o primogénito de muitos irmãos (Rom. VIII, 29), Filho Único nascido do Pai, Único Filho, por direito, cabeça e chefe de uma

Redenção de Cristo sempre atual

A Encarnação é a entrada pessoal do Eterno no tempo, isto é, a própria eternidade, numa forma de manifestação temporal, de tal forma que os atos históricos do homem, Jesus de Nazaré, são, pessoalmente, os atos do Filho eterno de Deus, atos de Deus, que aparece, numa forma humana e histórica.

Esta realidade humano-divina compreende as duas dimensões unidas, numa só pessoa.

Costuma dizer-se que o tempo não volta para trás, é irreversível, isto é, o que aconteceu uma vez, na história, não pode repetir-se. O que aconteceu pertence ao passado, não se repetirá, é irrevogavelmente passado, não pode tornar-se presente, outra vez, nem sequer por intervenção divina, a modo de um mistério.

Sabemos que o passado continua a ter influência sobre o presente e futuro e, neste sentido, tem uma certa forma de atualidade, mas esta atualidade não é a histórica, a do facto que se realizou.

A historicidade do homem Jesus e dos seus atos humanos salvíficos participa da irreversibilidade das coisas temporais, caso contrário, negaríamos a verdade histórica da humanidade de Jesus, como aconteceu com as heresias, nos primeiros tempos do cristianismo e, entre elas, o Docetismo, afirmando que Jesus assumiu, apenas a aparência de um homem.

A humanidade de Jesus é uma realidade histórica.

A omnipresença de Deus e do Filho, no homem, Jesus de Nazaré, reveste uma forma humana bem localizada na história através de um corpo, do qual o Senhor se serviu para intervir na vida das pessoas, com milagres extraordinários e, entre eles, a ressurreição dos mortos. Tudo isto são factos reais, na história, testemunhados e provados e, contra factos, não há argumentos.

Jesus foi a presença humana de um homem perante outros homens.

Esta presença humana está condicionada por um corpo, limitada por ele, nos antípodas da omnipresença, mas não está colada ou vinculada ao corpo.

Eucaristia, sacrifício redentor

É na Eucaristia, que O encontramos, para n'Ele, repousarmos o nosso coração e trocarmos confidências, as mesmas, que teve com Lázaro, Marta e Maria.

É, ali, naquela prisão de amor, que as Madalenas e os Lázaros ressuscitados encontram o Salvador. É ali que as samaritanas encontram o poço de Jacob com a água viva, que jorra para a vida eterna e apaga a sede, para sempre; é, ali, que todos encontram o alimento, que restaura as forças para a grande caminhada, em demanda da vida eterna.

É, ali, na Eucaristia, que Ele nos continua a dizer: «Tenho sede, dai-Me de beber». A minha sede é a conversão dos pecadores. Na Eucaristia Ele continuará a estender os braços para todos os que têm fome de perdão, amor e justiça.

É, ali, que Ele continua a sorrir para as crianças, para os simples, os humildes, os puros e sinceros de coração.

Jesus, flagelado e crucificado, pede-nos que tenhamos compaixão d'Ele, em cada um dos nossos irmãos necessitados.

De braços abertos para nos receber e pregado na cruz, para não fugir, Ele oferece, na Eucaristia, a misericórdia do seu coração, a piscina do seu sangue, o sangue do cordeiro, imolado, para Redenção de todos. Nesta piscina podemos branquear as nossas almas. Pela Eucaristia, o Senhor pode dizer hoje, como quando estava na terra: «Eu vim para que tenham vida, com abundância.», João X, 10.

Deus quer partilhar connosco a sua própria vida, pela graça de Cristo, que nos torna filhos de Deus.

O batismo deu-nos esta graça, como princípio da vida divina, em nós, aurora da vida sobrenatural. O rio, quando nasce, é um fio de água, que apetece meter no bolso, mas, depois, vai recebendo afluentes, engrossa, torna-se volumoso até desaparecer na imensidão do oceano.

Há obstáculos que se opõem ao desabrochar dessa vida e ao desenvolvimento desse rio, que é preciso remover, apoiados na oração e, sobretudo, na martificação dos sentidos ou tendências para o pecado.

Essa vida incipiente tem tendência a desenvolver-se, a crescer e, para

Mistério de Cristo Redentor prolongado no tempo

Depois de todas estas considerações, chegamos à conclusão de que o único sinal ou sacramento salvador original é Cristo, único acesso para o Pai, ponto de encontro com Deus.

Primeiro encontramos-nos com Cristo, intermediário ou mediador entre Deus e os homens.

O Senhor morreu, mas ressuscitou, subiu para junto do Pai, em cuja presença, intercede por nós.

O único meio de comunicação era o seu corpo, que, agora, glorificado e glorioso, está na presença do Pai. Estamos privados do encontro corporal com Cristo, embora a mediação corporal, possa ser substituída por outras formas de presença e prolongamento, neste mundo, em que nos é dado viver. A Igreja, os Sacramentos e a ação do Espírito Santo, prolongam a presença de Cristo entre nós.

Temos, entre nós, a presença do Senhor glorificado, não apenas, porque podemos recordar tudo o que Ele realizou, enquanto esteve no mundo, mas, acima de tudo, pela fé em Cristo ressuscitado, vivo e mediador, junto do Pai.

O Cristo celestial continua na companhia dos homens, invisivelmente, mas atuando, sempre, nas nossas almas.

Cristo celestial, à direita do Pai, continua a ser o caminho, a verdade e a vida. Cristo Ressuscitado vive «ontem, hoje e para sempre».

Encontrado o caminho, corramos por ele, em demanda da nossa salvação ou santificação, 1 Cor. IX, 26.

Sejamos santos, segundo os planos e vontade de Deus a nosso respeito e nunca segundo a nossa vontade enfraquecida pelo pecado.

A sabedoria divina não falha, mas nós somos fracos e até nos podemos enganar ou iludir com devaneios e fantasias sem consistência, distração a que Sta. Teresa chamava «a louca da casa».

Se as coisas não acontecem, segundo a nossa medida, calculada ao pormenor, não culpemos quem não tem culpa. Deus não se engana, não se distrai como nós.

Ele é supremo, causa primeira, providência infinita, soberano remunerador,

Deus é amor

A fé é o caminho que nos leva ao amor, união com Deus. O amor tem a primazia, como afirma S. Paulo, porque Deus é, essencialmente, amor. Cristo é o rosto humano de Deus. Ora o Deus, revelado por Jesus Cristo, é amor (1 João 4, 8 e 6).

A Redenção realizada por Cristo, pregado na cruz, é uma epopeia de amor.

Não foi o sofrimento que nos salvou, mas o amor de Deus, pois só o amor liberta, salva. Imagem de Deus, a sério, só o Crucificado, Jesus de Nazaré, Deus Encarnado, que se preocupa com o homem concreto, situado na história, pelo qual deu a vida, prova maior do seu amor.

Deus é amor e o sentido profundo de Jesus Cristo, enviado pelo Pai, é o amor.

«Apareceu o amor de Deus, entre nós, porque enviou o seu Filho para vivermos por Ele», 1 João 4.

Esta é a grande definição que o homem pode esboçar acerca da Transcendência.

«Deus é amor», amor infinito revelado na distribuição dos seus bens a todos os homens, indistintamente, sem aceção de pessoas, aos indignos, aos ingratos e até aos que não os querem.

Assim, Deus criou por amor, para que outras realidades se possam tornar participantes do Infinito. Seria absurdo pensar que Deus criou para obter qualquer retribuição, honra ou glória. A criação apenas revela o amor desinteressado de Deus.

Deus basta-se a si mesmo, em si próprio, encontra todas as perfeições, sem qualquer limitação, mas, por amor, Deus dá-se. O céu e a terra são o amor comunicado e infinitamente comunicativo.

A criação revela, também, o amor infinito de Deus.

O sentido profundo de Jesus Cristo, enviado pelo Pai, é o amor.

Deus dá e dá-se, dá o seu Filho e o seu Espírito.

O Verbo Encarnou. O Homem - Deus é a cereja, a coroar o bolo do amor, que é a criação.

Que merecimento tinha o homem, para Deus lhe entregar o próprio filho, crucificado, como um maldito, em redenção dos pecados?

Índice

Prefácio	5
Duas cruzes	7
Redenção	15
Pecado	21
Eis o Salvador	27
Maria, no plano redentor	33
Maria corredentora	39
Privilégios e glórias de Maria	43
Culto a Maria	49
Mistério de vida e santidade	53
Filhos de Deus	59
Jesus Cristo, fonte e medianoiro da vida	63
Salvação comunitária e individual	69
Redenção universal	73
Redenção de Cristo sempre atual	75
Prolongamento terrestre da Redenção	79
Eucaristia, sacrifício redentor	85
Mistério de Cristo Redentor prolongado no tempo	95
Tentação	99
Sacramento, encontro com Cristo, na Igreja	103
Sacramentos, presença de Cristo Redentor	107
Sacramentos, fontes de vida	115
Outros meios de encontro com Cristo	119
Deus é amor.	125
Índice	127